

ABREVIACÕES DIGITAIS NA LÍNGUA PORTUGUESA: A SUPRESSÃO DE VOGAIS E CONSOANTES EM INTERAÇÕES ONLINE

DIGITAL ABBREVIATIONS IN PORTUGUESE: VOWEL AND CONSONANT
DELETION IN ONLINE INTERACTIONS

Linguística & Letras e Artes • 22/08/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/787370927](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/787370927)

José Alexandre Marques da Silva¹

RESUMO

Este artigo analisa as abreviações digitais na língua portuguesa, com foco nos processos de supressão de vogais e consoantes em interações online e em seus efeitos comunicativos. O objetivo é compreender como palavras e expressões são condensadas sem impedir sua interpretação pelos interlocutores, considerando a relevância do internetês para os usos contemporâneos da escrita e para o ensino de Língua Portuguesa. A pesquisa é qualitativa, bibliográfica e analítico-descritiva. O corpus, de caráter exemplificativo e sem coleta de dados pessoais, reúne vinte abreviações recorrentes no português brasileiro, examinadas segundo critérios gráficos, fonológico-pragmáticos e discursivo-pedagógicos. Os resultados indicam que a supressão vocálica e a preservação do esqueleto consonantal são estratégias frequentes, como em “blz”, “msg” e “dps”. Também foram identificadas reduções extremas dependentes do contexto, como “q” e “n”; formas híbridas, como “vlw”, “flw” e “kd”; e condensações de expressões, como “pfv”, “mds” e “pdc”. Conclui-se que essas abreviações seguem convenções sociais, preservam pistas de inteligibilidade e não configuram, por si mesmas, empobrecimento da língua. O estudo reforça uma abordagem pedagógica baseada na adequação linguística, na comparação entre registros e no combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chave: Internetês; Abreviações digitais; Escrita online; Variação linguística; Multiletramentos.

ABSTRACT

This article analyzes digital abbreviations in the Portuguese language, focusing on processes involving the omission of vowels and consonants in online interactions and their communicative effects. The study aims to understand how words and expressions

are condensed without preventing their interpretation by interlocutors, considering the relevance of internet slang to contemporary writing practices and to the teaching of Portuguese. The research adopts a qualitative, bibliographic, and analytical-descriptive approach. The corpus, which is illustrative in nature and involves no collection of personal data, comprises twenty recurring abbreviations in Brazilian Portuguese, examined according to graphic, phonological-pragmatic, and discursive-pedagogical criteria. The results indicate that vowel omission and the preservation of the consonantal skeleton are frequent strategies, as observed in forms such as “blz,” “msg,” and “dps.” Context-dependent extreme reductions, such as “q” and “n,” hybrid forms, such as “vlw,” “flw,” and “kd,” and condensed expressions, such as “pfv,” “mds,” and “pdc,” were also identified. The study concludes that these abbreviations follow social conventions, preserve cues that support intelligibility, and do not, in themselves, represent linguistic impoverishment. The findings support a pedagogical approach based on linguistic appropriateness, comparison across registers, and the reduction of linguistic prejudice.

Keywords: Internet slang; Digital abbreviations; Online writing; Linguistic variation; Multiliteracies.

1. INTRODUÇÃO

As transformações provocadas pelas tecnologias digitais modificaram de maneira significativa os modos de produção, circulação e recepção da escrita na sociedade contemporânea. Em aplicativos de mensagens, redes sociais, comentários, fóruns, jogos digitais e demais ambientes online, a escrita passou a assumir formas cada vez mais rápidas, responsivas, interativas e próximas da conversação cotidiana. Nesse contexto, práticas linguísticas como

abreviações, reduções gráficas, supressões de letras, uso de emojis, marcas de oralidade e adaptações fonético-gráficas tornaram-se recorrentes nas interações digitais, evidenciando que a língua se reorganiza conforme os suportes, os interlocutores e as finalidades comunicativas.

Entre essas práticas, destacam-se as abreviações digitais na língua portuguesa, frequentemente associadas ao chamado internetês. Formas como “vc”, “q”, “pq”, “tbm”, “dps”, “blz” e “msg” circulam amplamente em interações informais e demonstram que a escrita online não pode ser compreendida apenas como desvio da norma-padrão. Ao contrário, tais ocorrências revelam estratégias de economia linguística, agilidade na digitação, pertencimento a determinados grupos e adequação a situações comunicativas específicas. Dessa forma, a escrita digital deve ser observada como prática social de linguagem, marcada por escolhas linguísticas que respondem às condições concretas de uso.

O presente trabalho insere-se, portanto, no campo dos estudos da linguagem, especialmente nas discussões sobre letramento, multiletramentos, variação linguística, relação entre fala e escrita, gêneros digitais e ensino de Língua Portuguesa. Ao considerar a escrita como prática social, torna-se necessário compreender que os sujeitos não utilizam a língua de maneira uniforme em todos os contextos. Um mesmo estudante pode escrever “vc vai hj?” em uma conversa privada e, em outro momento, produzir um texto escolar ou acadêmico segundo as exigências da norma-padrão. A questão central, nesse sentido, não é opor uma forma à outra, mas compreender os diferentes usos da língua e os critérios de adequação envolvidos em cada situação.

A presença dessas formas abreviadas no cotidiano escolar exige uma reflexão pedagógica mais cuidadosa. Comumente, a escrita digital é tratada de forma preconceituosa, sob a perspectiva de representar empobrecimento linguístico, erro absoluto ou ameaça ao domínio da escrita formal. No entanto, uma abordagem linguística mais ampla permite perceber que as abreviações digitais obedecem a regularidades, produzem sentidos e dependem de conhecimento compartilhado entre os interlocutores. Assim, investigar esse fenômeno contribui para ampliar a compreensão sobre os usos reais da língua portuguesa na contemporaneidade.

A problemática que orienta esta pesquisa pode ser formulada da seguinte maneira: “de que modo a supressão de vogais e consoantes participa da formação de abreviações digitais em português e quais efeitos comunicativos essas formas produzem nas interações online?”. Essa questão parte da observação de que muitas abreviações digitais são constituídas por apagamentos ou reduções gráficas que, mesmo modificando a forma convencional da palavra, preservam elementos suficientes para sua identificação pelo leitor.

A hipótese assumida neste estudo é a de que a abreviação digital não constitui um fenômeno aleatório. Embora varie conforme grupos sociais, plataformas, faixas etárias, regiões e estilos individuais, ela tende a preservar traços gráficos capazes de garantir o reconhecimento lexical e a compreensão da mensagem. Em muitos casos, mantém-se o chamado esqueleto consonantal da palavra, como ocorre em “blz”, forma reduzida de “beleza”, e em “msg”, forma abreviada de “mensagem”. Em outros casos, há redução a uma letra ou sílaba de alto valor contextual, como “q” para “que” e “pq” para “porque” ou “por quê”, cuja interpretação depende da situação comunicativa.

A justificativa para a escolha do tema decorre da presença constante das tecnologias digitais na vida cotidiana e escolar. A escola não está isolada das práticas de linguagem que circulam socialmente; ao contrário, os estudantes chegam ao espaço escolar atravessados por múltiplos gêneros, registros e suportes de escrita. Desse modo, compreender as abreviações digitais pode favorecer o trabalho do professor de Língua Portuguesa, especialmente quando se busca desenvolver a consciência linguística dos alunos e promover a comparação entre diferentes formas de uso da língua.

Além disso, a relevância deste estudo está relacionada à necessidade de combater visões preconceituosas sobre a escrita digital. Ao analisar o internetês como prática social de linguagem, torna-se possível discutir a diferença entre erro, variação, adequação e registro. Essa perspectiva permite mostrar que a escrita abreviada pode ser adequada em contextos informais de interação online, sem que isso elimine a importância do domínio da norma-padrão em situações acadêmicas, profissionais e institucionais. Assim, o tema contribui para uma abordagem mais crítica, inclusiva e contextualizada do ensino de Língua Portuguesa.

O objetivo geral deste artigo é analisar as abreviações digitais na língua portuguesa, focalizando os mecanismos de supressão de vogais e consoantes em interações online e seus efeitos comunicativos. Busca-se compreender como determinadas formas abreviadas condensam palavras e expressões sem impedir a interpretação pelo interlocutor, considerando os aspectos gráficos, fonológico-pragmáticos e discursivos envolvidos nesse processo.

Como objetivos específicos, pretende-se apresentar uma compreensão teórica da escrita digital como prática social de

linguagem; descrever processos de apagamento vocálico, apagamento consonantal, redução inicial e substituição gráfico-fonética; examinar exemplos recorrentes de abreviações digitais por meio de um quadro analítico classificatório; e discutir implicações pedagógicas do fenômeno para o ensino de Língua Portuguesa, especialmente no que se refere à adequação linguística e ao combate ao preconceito linguístico.

Metodologicamente, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e analítico-descritiva. A pesquisa é bibliográfica porque se fundamenta em autores que discutem língua, escrita, letramento, variação linguística, gêneros digitais e internetês. É também analítico-descritiva porque se propõe a observar e classificar exemplos recorrentes de abreviações digitais em português brasileiro, descrevendo os processos linguísticos predominantes em sua formação. O corpus utilizado é exemplificativo, sem coleta de mensagens privadas ou identificação de sujeitos, sendo composto por formas recorrentes em interações digitais informais.

A análise das abreviações foi realizada a partir de três critérios principais. O primeiro é o critério gráfico, voltado à observação das letras preservadas, suprimidas ou substituídas nas formas abreviadas. O segundo é o critério fonológico-pragmático, que considera a relação entre grafia, pronúncia, previsibilidade contextual e interpretação pelo interlocutor. O terceiro é o critério discursivo-pedagógico, que observa a adequação dessas formas aos gêneros digitais e seu potencial para o ensino de Língua Portuguesa. A partir desses critérios, as ocorrências foram organizadas em um quadro classificatório conforme o tipo de processo predominante.

A fundamentação teórica deste trabalho apoia-se em autores de referência nos campos da linguística, dos letramentos e dos estudos sobre escrita digital. No que se refere à relação entre fala e escrita e à noção de continuum, recorre-se a Marcuschi (2010); para a discussão sobre variação linguística e preconceito linguístico, a Bagno (2007); para o conceito de letramento e práticas sociais de escrita, a Soares (2010) e a Barton e Lee (2013); para o fenômeno específico da escrita digital em língua inglesa e suas implicações gerais, a Crystal (2006); para análises do internetês no português brasileiro, a Komesu e Tenani (2009a, 2009b) e a Ávila e Cox (2009); e para a perspectiva dos multiletramentos e da educação linguística crítica, a Rojo e Moura (2012) e às propostas curriculares contemporâneas. A Base Nacional Comum Curricular também será considerada por valorizar práticas de linguagem relacionadas à cultura digital no ensino de Língua Portuguesa.

O artigo está organizado em cinco partes. Após esta introdução, apresenta-se a fundamentação teórica, na qual são discutidos os conceitos de língua, escrita, variação linguística, letramento, multiletramentos e escrita digital. Em seguida, abordam-se os processos de formação das abreviações digitais, com destaque para a supressão de vogais e consoantes. Na sequência, são descritos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Depois, realiza-se a análise de exemplos recorrentes de abreviações digitais e de suas implicações comunicativas e pedagógicas. Por fim, nas considerações finais, retomam-se os objetivos do estudo e indicam-se possibilidades de continuidade da pesquisa.

2. LÍNGUA, ESCRITA E VARIAÇÃO NO AMBIENTE DIGITAL

A compreensão das abreviações digitais exige uma concepção de língua que ultrapasse a ideia de código fixo e homogêneo. A língua é uma prática social, histórica e situada. Ela se realiza em gêneros, suportes, finalidades e relações entre interlocutores. Essa perspectiva permite observar que nenhuma forma linguística existe em isolamento: toda escolha de palavra, grafia, pontuação ou abreviação está vinculada a uma situação de uso. Assim, a escrita online deve ser analisada em relação às condições de produção que a tornam possível, e não apenas em comparação direta com a norma-padrão escolar.

Ao tratar dos gêneros do discurso, Bakhtin (1997) destaca que as práticas de linguagem se organizam em esferas de atividade humana. Embora o autor não tenha escrito sobre redes sociais digitais, sua contribuição ajuda a compreender que cada esfera produz formas relativamente estáveis de enunciado. Conversas em aplicativos de mensagens, publicações em redes sociais, comentários rápidos e interações em chats podem ser compreendidos no âmbito dos gêneros digitais discutidos por Marcuschi e Xavier (2010). Esses gêneros apresentam expectativas próprias, como brevidade, resposta imediata, informalidade, multimodalidade e forte dependência do contexto, características que favorecem a emergência de abreviações e outros recursos expressivos.

Marcuschi (2010) contribui para a discussão ao propor uma visão não dicotômica da relação entre fala e escrita. Em vez de opor rigidamente oralidade e escrita, o autor destaca que há um contínuo de práticas, no qual determinados gêneros escritos podem apresentar marcas de interação típicas da oralidade e certos gêneros orais podem ser planejados e monitorados. A escrita digital

evidencia esse contínuo: trata-se de escrita, pois ocorre por meio de grafemas, telas e registros textuais; porém, frequentemente funciona com ritmo conversacional, alternância rápida de turnos e marcas de presença do interlocutor.

No campo dos estudos sobre internetês, Komesu e Tenani (2009b) problematizam a visão segundo a qual a escrita digital seria apenas uma escrita “fonetizada” ou uma interferência da fala. Para as autoras, o fenômeno deve ser analisado como possibilidade da língua e do discurso, considerando a heterogeneidade constitutiva da escrita. Essa perspectiva é importante porque evita interpretações simplificadoras. Em muitas abreviações, há relação com a pronúncia, mas há também efeitos gráficos, estilísticos, identitários e contextuais que não podem ser reduzidos à tentativa de transcrever sons.

Ávila e Cox (2009) também contribuem ao considerar o internetês como sistema grafolinguístico, isto é, como conjunto de escolhas que envolve grafia, economia, criatividade e representação do oral. Formas digitais abreviadas não funcionam apenas pela ausência de letras; elas funcionam porque são reconhecidas em uma comunidade de uso. A abreviação “vc”, por exemplo, só é eficiente se o interlocutor souber que ela remete a “você”. O sentido, portanto, não está somente nos grafemas preservados, mas na memória social de uso, no contexto enunciativo e no repertório compartilhado entre os participantes da interação.

Crystal (2006), ao estudar a linguagem da internet, observa que os meios digitais criam condições específicas de uso linguístico, combinando velocidade, criatividade e novas normas de interação. Essa leitura aproxima-se da noção de que a tecnologia não

determina sozinha a língua, mas altera o ambiente em que a língua circula. O teclado, a tela pequena, a notificação, o limite de atenção e a simultaneidade das conversas incentivam estratégias de condensação. Ainda assim, essas estratégias precisam manter inteligibilidade; se uma abreviação for econômica demais e não puder ser recuperada pelo leitor, ela perde eficácia comunicativa.

Barton e Lee (2013) enfatizam que a linguagem online deve ser investigada como prática textual situada. Isso significa que não basta recolher formas isoladas; é necessário considerar quem escreve, para quem escreve, em que plataforma, com qual objetivo e sob quais normas de participação. A mesma pessoa pode usar abreviações em um grupo de amigos e evitá-las em uma solicitação formal por e-mail. Essa alternância não indica desconhecimento da língua, mas capacidade de transitar entre práticas de letramento diferentes.

A discussão sobre variação linguística é fundamental para evitar preconceitos. Bagno (2007) defende que a variação é constitutiva das línguas e que o ensino deve formar sujeitos capazes de compreender as diferenças entre variedades, registros e normas. Aplicada ao internetês, essa perspectiva mostra que a abreviação digital não deve ser tratada como ameaça automática à escrita escolar. O problema pedagógico não está em o estudante conhecer “vc” ou “pq”, mas em não perceber que tais formas são inadequadas para gêneros que exigem monitoramento formal, como artigos científicos, redações oficiais e trabalhos acadêmicos.

Soares (2010), ao discutir letramento, ressalta que ler e escrever são práticas sociais. Em ambientes digitais, tais práticas se multiplicam: o sujeito lê notificações, interpreta emojis, responde mensagens,

comenta vídeos, participa de grupos e produz textos multimodais. A competência linguística contemporânea, portanto, envolve não apenas dominar a norma-padrão, mas reconhecer finalidades, suportes, interlocutores e efeitos de sentido. As abreviações digitais fazem parte desse conjunto de práticas e podem ser objeto legítimo de reflexão linguística.

No âmbito escolar, a Base Nacional Comum Curricular valoriza práticas de linguagem vinculadas à cultura digital e ao uso crítico das tecnologias (BRASIL, 2018). Essa orientação reforça que a escola não deve ignorar os modos de escrita que os estudantes utilizam fora dela. Ao contrário, pode transformá-los em objeto de análise: por que “*msg*” é compreensível? Que letras foram apagadas? Que elementos foram preservados? Em que situações essa forma é adequada? Que mudanças seriam necessárias para reescrevê-la em registro formal? Perguntas desse tipo aproximam estudo gramatical, letramento digital e reflexão crítica.

Dessa forma, as abreviações digitais devem ser entendidas como práticas situadas, motivadas por fatores linguísticos e sociais. Elas revelam a flexibilidade da escrita, a atuação do contexto na interpretação e a importância da adequação. Analisar a supressão de vogais e consoantes, nesse sentido, não significa defender que todo texto possa ser escrito abreviadamente, mas compreender uma regularidade comunicativa presente nas interações online e explorar seu potencial para o ensino reflexivo da língua portuguesa.

3. ABREVIÇÕES DIGITAIS: ECONOMIA GRÁFICA E SUPRESSÃO DE LETRAS

A abreviação é um procedimento antigo nas práticas de escrita. Documentos administrativos, anotações escolares, registros comerciais, dicionários e mensagens pessoais sempre utilizaram formas reduzidas para economizar espaço e tempo. O ambiente digital, porém, intensificou e popularizou esse procedimento, sobretudo em contextos de resposta imediata. Em vez de escrever “você”, muitos usuários digitam “vc”; em vez de “porque” ou “por que”, escrevem “pq”; em vez de “beleza”, “b/z”. Essas reduções são favorecidas pela necessidade de rapidez, mas também por convenções de grupo e por estilos de interação.

A supressão de vogais é um dos mecanismos mais visíveis nas abreviações digitais em português. Em várias palavras, as consoantes preservadas são suficientes para ativar a palavra inteira na memória do leitor. “B/z” remete a “beleza” porque conserva b, l e z; “dps” remete a “depois” porque mantém d, p e s; “msg” remete a “mensagem” porque preserva m, s e g. Esse padrão sugere que muitas abreviações operam com um esqueleto consonantal, no qual as vogais são apagadas porque o contexto e a sequência de consoantes permitem recuperar a forma expandida.

No entanto, a supressão de vogais não é total nem automática. Algumas abreviações preservam vogais quando elas contribuem para a identificação da palavra ou quando fazem parte de uma convenção estabilizada. A forma “qro”, por exemplo, para “quero”, mantém a vogal final “o”, o que ajuda a diferenciar a palavra de outras possíveis sequências, como “qr”, que significa “quer”. Já “agr”, para “agora”, mantém a vogal inicial “a” provavelmente por ser o primeiro grafema da palavra e por facilitar o reconhecimento. Assim, o apagamento não segue uma regra mecânica; ele resulta de equilíbrio entre economia e legibilidade.

A supressão de consoantes ocorre quando a palavra ou expressão é reduzida a um núcleo mínimo, frequentemente uma letra inicial ou uma sequência convencionalizada. A letra “*q*”, por exemplo, pode representar “que”; “*n*” pode representar “não”; “*pfv*” pode representar “por favor”, por meio de uma combinação de letras iniciais e consoantes sobressalentes. Nesses casos, nem sempre se preserva o esqueleto completo da palavra. O leitor recupera o sentido porque a forma aparece em contexto previsível: “*q vc quer?*” é interpretado como “o que você quer?” porque a estrutura sintática orienta a leitura.

Há ainda abreviações híbridas, que combinam supressão de letras com substituições gráfico-fonéticas ou estilização. “*V/w*” e “*f/w*”, usadas para “valeu” e “falou”, preservam consoantes e substituem a representação final por “w”, grafema associado em muitos usos digitais ao som aproximado de /u/. A forma “*kd*”, para “cadê”, combina substituição de “c” por “k”, apagamento de vogal e manutenção de uma letra que evoca a sílaba final. Esses casos mostram que o internetês envolve criatividade gráfica e não apenas corte de caracteres.

As abreviações digitais também dependem de fatores pragmáticos. Em conversas rápidas, os interlocutores compartilham tema, histórico e expectativas; por isso, formas mínimas podem funcionar sem prejuízo. A sequência “*td bem?*” é compreendida como “tudo bem?” porque se tornou fórmula de saudação. Em outro contexto, “*td*” poderia significar “todo”, “toda” ou “tudo”, exigindo apoio do enunciado. A ambiguidade não é, portanto, defeito absoluto; ela é administrada pela situação comunicativa.

Outro aspecto importante é a dimensão identitária. O uso de determinadas abreviações pode indicar pertencimento geracional, proximidade afetiva, informalidade ou adesão a uma cultura de plataforma. Jovens podem usar “*sdds*” para “saudades” não apenas por economia, mas porque a forma carrega tom afetivo e reconhecimento social. Do mesmo modo, escolhas como “*obg*”, “*mds*” e “*pdc*” sinalizam familiaridade com repertórios digitais. Nesse sentido, a supressão de letras produz efeitos de estilo, aproximando interlocutores e marcando um registro informal.

A economia gráfica, contudo, tem limites. Em textos acadêmicos, jurídicos, administrativos e jornalísticos formais, o emprego de abreviações digitais tende a ser inadequado, pois tais gêneros exigem precisão, estabilidade e maior grau de monitoramento. A competência linguística esperada não é abandonar o repertório digital, mas saber retextualizar. O estudante que escreve “*pq vc n veio hj?*” precisa reconhecer que, em registro formal, a frase pode ser reformulada como “Por que você não veio hoje?”.

Portanto, a supressão de vogais e consoantes nas abreviações digitais revela um funcionamento complexo: reduz-se a materialidade gráfica, mas preserva-se um conjunto mínimo de pistas para a interpretação. O fenômeno está ligado à história das abreviações, às condições técnicas das plataformas, à relação entre fala e escrita, aos letramentos digitais e à variação linguística. Ao analisá-lo, não se deve perguntar apenas “quais letras faltam?”, mas também “por que ainda compreendemos?”, “em que contexto a forma é adequada?” e “que competências o usuário mobiliza ao alternar registros?”.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, pois busca interpretar o funcionamento linguístico e social de abreviações digitais, sem pretensão de quantificar estatisticamente sua ocorrência em uma população específica. O estudo também é bibliográfico, uma vez que se fundamenta em livros e artigos científicos sobre língua, escrita, internetês, relação fala-escrita, letramento e variação linguística. Além disso, apresenta caráter analítico-descritivo, pois descreve exemplos de abreviações e propõe categorias de análise para compreender os mecanismos de supressão de vogais e consoantes.

A escolha da abordagem qualitativa justifica-se porque o fenômeno investigado depende de contexto, interlocutores, finalidades comunicativas e repertórios compartilhados. A mesma forma abreviada pode ter interpretações diferentes conforme a situação. Assim, a análise precisa considerar não apenas a forma gráfica, mas também a possibilidade de recuperação do sentido pelo leitor.

O corpus utilizado neste artigo é exemplificativo e composto por abreviações recorrentes no repertório popular das interações digitais em português brasileiro. Não foram coletadas conversas privadas, perfis de usuários ou dados identificáveis. As formas analisadas foram selecionadas por sua ampla circulação e por aparecerem frequentemente em discussões sobre internetês e escrita online. Esse procedimento preserva a dimensão ética da pesquisa e permite focalizar o funcionamento linguístico das formas, sem exposição de sujeitos.

Para organizar a análise, as abreviações foram agrupadas em quatro categorias principais. A primeira é a supressão vocálica predominante, na qual se apagam sobretudo vogais e se preservam

consoantes, como em “*blz*”, “*msg*”, “*cmg*” e “*ctz*”. A segunda é a supressão consonantal ou redução extrema, em que a palavra se reduz a uma letra ou a poucos grafemas, como “*q*” e “*n*”. A terceira corresponde a formas híbridas, que combinam apagamento de letras e substituições gráfico-fonéticas, como “*kd*”, “*v/w*” e “*flw*”. A quarta envolve reduções de expressões, siglizações e abreviações de unidades maiores, como “*pfv*”, “*mds*” e “*pdç*”.

A análise observa três critérios. O primeiro é gráfico: identifica quais letras da forma expandida foram preservadas, suprimidas ou substituídas. O segundo é fonológico-pragmático: considera se a forma abreviada se apoia em aspectos de pronúncia, ritmo ou previsibilidade da interação. O terceiro é discursivo-pedagógico: discute em que contexto a abreviação tende a ser adequada e como pode ser explorada no ensino de Língua Portuguesa. Esses critérios permitem compreender o fenômeno de maneira integrada, evitando tanto a condenação moralista quanto a aceitação indiscriminada em qualquer gênero textual.

5. ANÁLISE DAS ABREVIÇÕES DIGITAIS

O quadro a seguir reúne exemplos de abreviações digitais em português brasileiro e descreve os processos predominantes de supressão de vogais e consoantes. As formas foram selecionadas por sua recorrência no uso informal online e por permitirem observar diferentes estratégias de condensação gráfica. A coluna “processo predominante” não pretende esgotar a análise, pois muitas abreviações combinam mais de um mecanismo; sua função é destacar o traço mais relevante para a discussão deste artigo

Quadro 1. Exemplos de abreviações digitais e processos de supressão

Forma digital	Forma expandida	Processo predominante	Observações
vc	você	supressão de vogais	Preserva o esqueleto consonantal <i>v+c</i> e depende de reconhecimento convencional.
q	que	redução extrema	Mantém apenas o grafema inicial e elimina a sequência vocálica.
pq	porque / por que	redução com ambiguidade contextual	Preserva <i>p</i> e <i>q</i> ; o contexto define se equivale a pergunta ou explicação.
tbm	também	supressão vocálica predominante	Mantém <i>t</i> , <i>b</i> e <i>m</i> , apagando vogais e acento gráfico.
tb	também	supressão vocálica e consonantal	Forma mais econômica, com perda do <i>m</i> final e maior dependência do contexto.
dps	depois	esqueleto consonantal	Preserva <i>d</i> , <i>p</i> e <i>s</i> , apagando vogais intermediárias.
hj	hoje	supressão vocálica	Mantém <i>h</i> e <i>j</i> ; o <i>h</i> não é pronunciado, mas funciona como pista gráfica.
msg	mensagem	esqueleto consonantal	Condensa a palavra por manutenção de <i>m</i> , <i>s</i> e <i>g</i> .

blz	beleza	esqueleto consonantal	Apaga vogais e conserva consoantes suficientes para identificação lexical.
cmg	comigo	esqueleto consonantal	Reduz a palavra a <i>c</i> , <i>m</i> e <i>g</i> , com forte previsibilidade em conversas.
ctz	certeza	esqueleto consonantal	Mantém consoantes centrais <i>c</i> , <i>t</i> e <i>z</i> .
sdds	saudades	supressão vocálica	Preserva <i>s</i> , <i>d</i> , <i>d</i> e <i>s</i> , marcando também valor afetivo.
obg	obrigado(a)	supressão vocálica	Mantém o início e consoantes salientes; pode neutralizar gênero.
n / ñ	não	redução extrema	Reduz a palavra a sinal mínimo; “ñ” recupera visualmente a nasalidade.
vlw	valeu	forma híbrida	Combina apagamento vocálico e uso estilizado de <i>w</i> para final vocálico.
flw	falou	forma híbrida	Combina apagamento de vogais e representação gráfica estilizada.
kd	cadê	substituição gráfico-fonética	Troca <i>c</i> por <i>k</i> , apaga vogal e condensa a sílaba final.
pfv	por favor	redução de expressão	Seleciona letras de uma expressão fixa de cortesia.
mds	meu Deus	siglização informal	Reduz expressão exclamativa a iniciais e

			consoantes reconhecíveis.
pdc	pode crer	redução de expressão	Condensa uma expressão conversacional de concordância.

Fonte: elaboração própria, com base em formas recorrentes em interações digitais informais.

5.1. Supressão de Vogais e Preservação do Esqueleto Consonantal

Os exemplos “vc”, “dps”, “msg”, “blz”, “cmg”, “ctz” e “sdds” evidenciam a força do esqueleto consonantal nas abreviações digitais. Nesses casos, a redução não elimina qualquer letra ao acaso; ela conserva elementos que ajudam a reconstruir a forma expandida. A sequência “blz”, por exemplo, permite recuperar “beleza” porque as consoantes b, l e z aparecem na mesma ordem em que ocorrem na palavra.

A predominância da supressão vocálica pode ser explicada por razões gráficas e cognitivas. Em muitas palavras do português, as consoantes oferecem pistas distintivas relevantes, enquanto as vogais podem ser inferidas pelo leitor com apoio do repertório lexical e do contexto. Isso não significa que as vogais sejam menos importantes para a língua, mas que, em certas abreviações, elas podem ser omitidas sem inviabilizar a leitura. A economia funciona porque o leitor recompõe mentalmente aquilo que foi apagado.

Esse processo também demonstra que a escrita digital exige participação ativa do interlocutor. Ler “sdds” como “saudades” envolve reconhecer uma convenção, preencher vogais ausentes e interpretar o tom afetivo da mensagem. A abreviação, portanto, não

é apenas um encurtamento mecânico; ela é uma instrução de leitura. O usuário economiza na digitação, mas transfere ao interlocutor parte do trabalho interpretativo. Quando ambos compartilham o repertório, a interação se mantém fluida.

A análise reforça a tese de que o internetês não deve ser entendido como escrita caótica. A aparente irregularidade das formas esconde padrões de seleção. Grafias como “*cmg*” e “*ctz*” só são possíveis porque preservam letras reconhecíveis e porque circulam em comunidades que já as estabilizaram. Um corte diferente, como “*rtz*” para “certeza”, seria menos eficiente porque apagaria consoantes essenciais e deixaria pistas frágeis para a recuperação lexical. A economia gráfica, portanto, é orientada pela inteligibilidade.

5.2. Supressão de Consoantes, Reduções Extremas e Dependência do Contexto

As formas “*q*”, “*n*” e “*tb*” mostram que também há supressão de consoantes, principalmente quando a abreviação se estabiliza socialmente ou quando o contexto reduz a possibilidade de ambiguidade. A letra “*q*” representa “que” porque a sequência gráfica é muito frequente na língua e porque o próprio nome da letra já se aproxima da palavra. Já “*n*” para “não” exige maior apoio contextual: em “*n vou*”, a interpretação é imediata; isolada, a letra poderia ter outros sentidos.

A redução extrema revela que a compreensão não depende apenas da quantidade de letras preservadas. Uma única letra pode ser suficiente se ocupar posição previsível na frase. Em “*q hrs?*”, a letra “*q*” é interpretada como “que” ou “quais” dentro de uma estrutura interrogativa; em “*n sei*”, “*n*” é recuperado como negação. O contexto

sintático e a experiência de uso orientam a leitura. Por isso, abreviações digitais são especialmente produtivas em mensagens curtas e responsivas, nas quais os interlocutores compartilham situação comunicativa.

A forma “*tb*” para “também” é interessante porque elimina não apenas vogais, mas também a consoante nasal final presente em “*tbn*”. Mesmo assim, é compreensível porque se tornou convenção amplamente difundida. A alternância entre “*tb*” e “*tbn*” mostra que há graus de abreviação. Alguns usuários preferem conservar o “*n*” final, aproximando-se mais do esqueleto consonantal; outros optam pela forma mais curta. Essa variação indica que o internetês não é uniforme, mas flexível e sensível a escolhas individuais e grupais.

As reduções extremas também evidenciam limites de adequação. Em uma conversa informal, “*n posso hj*” é eficiente; em um texto acadêmico, a mesma forma seria inadequada, pois o gênero exige explicitação e formalidade. Logo, ao reescrever mensagens abreviadas em registro formal, percebe-se que a língua oferece alternativas para diferentes situações, e que dominar a norma-padrão não implica negar a existência de outros registros.

5.3. Formas Híbridas: Entre Apagamento, Som e Estilização Gráfica

As abreviações “*v/w*”, “*flw*” e “*kd*” não podem ser explicadas apenas como apagamento de vogais ou consoantes. Elas combinam supressão com substituição gráfica. Em “*v/w*” e “*flw*”, o “*w*” funciona como marca estilizada associada ao final sonoro de “valeu” e “falou”. Trata-se de escolha típica de ambientes digitais, nos quais grafemas podem adquirir valores expressivos diferentes dos previstos pela

ortografia normativa. O efeito é simultaneamente econômico e identitário.

A forma “*kd*”, por sua vez, condensa “*cadê*” por meio da substituição de “*c*” por “*k*” e da supressão de vogais. A letra “*k*”, embora não represente a grafia normativa da palavra, é reconhecida em muitos repertórios digitais como alternativa para o som inicial de /*k*/. Esse tipo de grafia evidencia que o internetês dialoga com a oralidade, mas também com convenções próprias da escrita digital. Não se trata de transcrever a fala de modo fiel; trata-se de produzir uma forma rápida, visualmente marcada e socialmente reconhecível.

Komesu e Tenani (2009a) chamam atenção para a complexidade da relação fala-escrita em contexto digital. Essa complexidade aparece nas formas híbridas porque elas mobilizam informações fonológicas, gráficas, morfológicas e discursivas ao mesmo tempo. “*F/w*” não é apenas “falou sem vogais”; é uma forma convencional que circula como despedida informal. “*Vlw*” não é somente “valeu abreviado”; é também marca de agradecimento, proximidade e pertencimento a determinado estilo de interação.

A estilização gráfica diferencia a escrita digital de uma simples escrita econômica. Se o único objetivo fosse cortar caracteres, todas as formas tenderiam a um padrão mais uniforme. No entanto, usuários escolhem letras, repetem grafemas, alternam maiúsculas, usam emojis e combinam abreviações com outros sinais. Assim, a supressão de letras faz parte de um repertório expressivo mais amplo. A análise das abreviações precisa, portanto, considerar tanto a economia quanto os efeitos de sentido.

5.4. Abreviações de Expressões e Efeitos de Interação

Formas como “*pfv*”, “*mds*” e “*cdc*” mostram que a abreviação digital não incide apenas sobre palavras isoladas. Expressões inteiras também podem ser condensadas. “*Pfv*” reduz “por favor”, mantendo letras que permitem reconhecer a fórmula de cortesia. “*Mds*” condensa “meu Deus” e funciona frequentemente como reação de surpresa, indignação, medo ou humor. “*Pdc*”, por sua vez, reduz “pode crer” e aparece como resposta de concordância ou confirmação em diálogos informais.

Essas abreviações revelam que a unidade de análise não é apenas a palavra, mas o enunciado. O usuário não está simplesmente apagando letras; ele está acionando uma expressão pronta em uma interação. A forma abreviada pode carregar valor discursivo equivalente ao da expressão expandida, mas com tonalidade mais informal. Em muitos casos, a redução aumenta a sensação de espontaneidade, pois aproxima a escrita do ritmo acelerado da conversa.

A condensação de expressões também mostra que a supressão de letras pode preservar funções comunicativas. “*Pfv*” mantém a função de pedido cortês; “*mds*” mantém a função exclamativa; “*cdc*” mantém a função de concordância. A economia não compromete o ato de fala porque o contexto e a convenção recuperam o valor pragmático. Em termos pedagógicos, esses exemplos permitem discutir a diferença entre sentido lexical, função discursiva e adequação ao gênero.

No entanto, a abreviação de expressões pode gerar opacidade para leitores não familiarizados com o repertório digital. Uma pessoa que não participa dessas práticas pode não compreender “*cdc*” ou “*sdds*” imediatamente. Isso mostra que a escrita digital também

produz fronteiras de pertencimento. Como todo registro, ela inclui e exclui interlocutores. Reconhecer esse aspecto é importante para evitar tanto a romantização quanto a condenação do internetês: ele é recurso comunicativo potente, mas situado.

5.5. Implicações para o Ensino de Língua Portuguesa

A presença de abreviações digitais no cotidiano dos estudantes impõe desafios e possibilidades ao ensino de Língua Portuguesa. O desafio consiste em evitar que formas informais migrem indevidamente para gêneros que exigem norma-padrão, especialmente quando o estudante ainda não domina a retextualização. A possibilidade, por outro lado, está em transformar o fenômeno em objeto de análise linguística. Em vez de apenas proibir “vc” e “pq”, deve-se perguntar quais letras foram suprimidas, por qual motivo a forma continua compreensível e em que contexto ela é aceitável. Essa compreensão também encontra respaldo em Florêncio e Figueiredo (2024), que analisam o internetês no ambiente escolar como um fenômeno comunicativo contemporâneo, marcado pela rapidez das interações e por recursos como abreviações, ausência de acentuação, repetição de letras e uso de emojis. Essa perspectiva contribui para superar a ideia de que a escrita digital representa, por si mesma, uma ameaça à Língua Portuguesa.

Uma atividade produtiva seria propor a comparação entre uma conversa digital informal e sua versão formal. A frase “*pq vc n respondeu minha msg hj?*” poderia ser reescrita como “Por que você não respondeu à minha mensagem hoje?”. A transformação permitiria trabalhar ortografia, acentuação, emprego de “por que”, pronome de tratamento, crase, pontuação e adequação de registro.

Dessa forma, o internetês deixa de ser visto como inimigo da aprendizagem e torna-se ponto de partida para reflexão sobre a língua.

Outra possibilidade é classificar abreviações conforme os processos de supressão. Os estudantes podem separar exemplos de apagamento vocálico, redução inicial, siglização, substituição gráfica e formas híbridas. Essa prática desenvolve consciência fonológica e ortográfica, pois exige observar a estrutura das palavras. Ao perceber que “*blz*” conserva b, l e z, o estudante identifica a sequência interna de “beleza”; ao expandir “*dps*” para “depois”, recupera vogais e posição de letras. O exercício articula análise linguística e letramento digital.

É essencial, contudo, que a abordagem pedagógica destaque a noção de adequação. Não se trata de ensinar abreviações digitais como substitutas da ortografia oficial, mas de mostrar que diferentes práticas de linguagem exigem diferentes escolhas. Em um grupo de amigos, “*obg*” pode ser adequado; em um requerimento administrativo, “obrigado(a)” deve ser escrito integralmente. Essa distinção fortalece a competência comunicativa do estudante, pois amplia sua capacidade de selecionar recursos conforme finalidade, interlocutor e gênero.

A discussão também contribui para combater preconceitos linguísticos. Ao afirmar que “internetês não é português” ou que “jovens não sabem escrever”, corre-se o risco de ignorar a complexidade das práticas digitais e de confundir registro informal com incapacidade linguística. O papel da escola é ampliar repertórios, não eliminar práticas sociais existentes. O estudante precisa aprender a escrever um artigo, uma redação, um relatório e

um e-mail formal, mas também pode refletir criticamente sobre mensagens, memes, comentários e abreviações que fazem parte de sua vida linguística.

Por fim, a análise das abreviações digitais aproxima a escola da perspectiva dos multiletramentos discutida por Rojo e Moura (2012), segundo a qual o ensino precisa considerar a diversidade cultural e a multiplicidade de linguagens presentes nas práticas contemporâneas de comunicação. Em uma sociedade atravessada por plataformas, imagens, sons, hiperlinks e interações instantâneas, o ensino de língua materna precisa considerar a diversidade de modos de significação. A supressão de vogais e consoantes é apenas um dos fenômenos observáveis nesse cenário. Ela se soma a emojis, figurinhas, gifs, hashtags, marcas de oralidade e recursos de edição. Estudar tais recursos ajuda a formar leitores e produtores de texto mais conscientes, críticos e adequados às diferentes esferas sociais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo geral analisar as abreviações digitais na língua portuguesa, com ênfase nos mecanismos de supressão de vogais e consoantes empregados em interações online e em seus efeitos comunicativos. Ao longo da pesquisa, buscou-se compreender como palavras e expressões podem ser graficamente condensadas sem que sua interpretação seja necessariamente prejudicada. O percurso desenvolvido permitiu responder ao problema proposto, demonstrando que a compreensão dessas formas não depende somente das letras preservadas, mas também do contexto, das convenções sociais e do repertório compartilhado pelos interlocutores.

A abordagem qualitativa, bibliográfica e analítico-descritiva possibilitou relacionar os aspectos formais das abreviações às condições sociais e comunicativas de seu uso. Entre os pontos positivos da pesquisa, destaca-se a articulação entre os critérios gráfico, fonológico-pragmático e discursivo-pedagógico, por meio dos quais foi possível examinar o fenômeno sem reduzi-lo ao simples apagamento de caracteres. A organização das vinte formas selecionadas em um quadro classificatório também contribuiu para sistematizar os processos predominantes e tornar mais visíveis as regularidades presentes na escrita digital.

A análise evidenciou que a supressão de vogais e a preservação do esqueleto consonantal constituem estratégias recorrentes na formação de abreviações como “blz”, “msg”, “dps”, “cmg”, “ctz” e “sdds”. Nessas ocorrências, determinadas consoantes são mantidas por oferecerem pistas relevantes para o reconhecimento lexical, enquanto as vogais podem ser recuperadas com base no conhecimento linguístico e no contexto da interação. Foi possível observar, assim, que a economia gráfica não elimina a necessidade de inteligibilidade, mas se estabelece por meio de um equilíbrio entre redução e possibilidade de interpretação.

Também foram identificadas reduções extremas, como “q” e “n”, cuja compreensão apresenta maior dependência do contexto sintático e comunicativo. As formas híbridas, representadas por “vlw”, “flw” e “kd”, demonstraram, por sua vez, que as abreviações digitais podem combinar supressão, substituição gráfico-fonética e estilização visual. Além disso, reduções de expressões como “pfv”, “mds” e “pdc” mostraram que a condensação gráfica não incide apenas sobre palavras isoladas, pois pode preservar funções discursivas relacionadas à cortesia, à exclamação e à concordância.

Os resultados obtidos sustentam a compreensão de que o internetês não constitui um conjunto inteiramente aleatório ou desprovido de organização. Embora suas formas sejam variáveis e estejam sujeitas às escolhas individuais e grupais, elas dependem de convenções reconhecidas socialmente e da preservação de pistas suficientes para a construção do sentido. Isso não significa que as abreviações sejam adequadas a todos os gêneros, mas evidencia que seu funcionamento deve ser analisado em relação à situação comunicativa, aos interlocutores, ao suporte e à finalidade do texto.

No campo do ensino de Língua Portuguesa, o estudo reforça a importância de abordar as abreviações digitais por meio da noção de adequação linguística. A escola não precisa apresentar essas formas como substitutas da ortografia oficial, mas pode utilizá-las como ponto de partida para atividades de comparação entre registros, classificação de processos gráficos e retextualização de mensagens informais. Essa abordagem permite trabalhar ortografia, relação entre fala e escrita, variação linguística e gêneros digitais, ao mesmo tempo que contribui para combater o preconceito linguístico e ampliar a competência comunicativa dos estudantes.

Por fim, reconhece-se que o corpus exemplificativo adotado não pretende representar quantitativamente todos os usos das abreviações digitais no português brasileiro. Pesquisas futuras poderão ampliar essa investigação mediante a análise de corpora digitais contextualizados, de diferentes plataformas, grupos sociais, faixas etárias ou regiões, respeitando os procedimentos éticos necessários. Ainda assim, o trabalho demonstra a relevância científica e pedagógica das abreviações digitais, contribuindo para compreender a escrita online como prática social dinâmica e para

aproximar o ensino de Língua Portuguesa das experiências linguísticas contemporâneas dos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, Maribel Chagas de; COX, Maria Inês Pagliarini. O “internetês” e o legado da história da escrita. **Signótica**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 419–445, 2009. DOI: <https://doi.org/10.5216/sig.v20i2.6097>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/6097>. Acesso em: 03 mai. 2026.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Language online: investigating digital texts and practices**. London: Routledge, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 09 mai. 2026.

CRYSTAL, David. **Language and the Internet**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511487002>.

FLORENCIO, Roberto Remígio; FIGUEIREDO, Elan Gomes. A escrita das redes digitais no ambiente escolar: um estudo sobre o “internetês”. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, v. 17, n. 1, e12454, 2024. DOI: <https://doi.org/10.30681/real.v17i01.12454>. Disponível

em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/react/article/view/12454>.

Acesso em: 29 abr. 2026.

KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani. A relação fala/escrita em dados produzidos em contexto digital. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 211–226, 2009a. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/4404>. Acesso em: 29 abr. 2026.

KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, v. 9, n. 3, p. 621–643, 2009b. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1518-76322009000300010>.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

¹ Bacharel em Administração pela Universidade Estácio de Sá; Graduando em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá; Graduando em Engenharia de Software pela Universidade União das Américas; Pós-graduando em Business

Intelligence pela Universidade União das Américas. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0905856538640357>.